

A INFLUÊNCIA DA LINGUAGEM BÍBLICA EM EXPRESSÕES E PROVÉRBIOS POPULARES: UMA ABORDAGEM LÉXICO-SEMÂNTICA

Josete Marinho de Lucena.^I
M.^a das Neves Alcântara de Pontes^{II}

1. PROVÉRBIOS POPULARES: UMA QUESTÃO SÓCIO-CULTURAL DA LÍNGUA.

O trabalho intitulado *A influência da linguagem bíblica em expressões e provérbios populares: uma abordagem léxico-semântica* trata-se de pesquisa realizada na área dos Fenômenos Sociolingüísticos, enveredando pelo viés da Lexicologia, que tem como objetivo analisar os provérbios populares, sobretudo, aqueles que estão inseridos no cotidiano da comunidade católica. Tal fato remete a uma relação entre os citados provérbios e a linguagem bíblica. Trata-se, portanto, de uma análise semântica e léxica de construções populares, mais precisamente dos Provérbios. Para melhor esclarecimento, consideramos oportuno falarmos um pouco do que vem a ser os provérbios e justificarmos o uso de tal vocábulo.

Elegemos esta terminologia por acharmos mais conveniente ao propósito do nosso trabalho, visto que a própria Bíblia traz um Livro com esta nomenclatura e, ainda, por considerarmos mais próxima do material por nós coletado. Há muita controvérsia sobre o termo “provérbio”, pois, para os paremiógrafos, existe uma grande dificuldade ao distingui-los das máximas, sentenças, ditos e anexins. Os citados vocábulos são utilizados como sinônimos, sendo usado, muitas vezes, um pelo outro. A palavra Provérbio está reservada, de preferência, aos ditos de origem clássica e/ou literária

Para nosso estudo, consideramos viável a concepção dada pelo literato e folclorista Antônio Henrique Weitzel (1995, p. 118), em sua Obra *Folclore Literário e Lingüístico*, que concebe o provérbio como “Frase sentenciosa, concisa, de verdade comprovada, porque baseada na secular experiência do povo, exposta em forma poética e contendo uma norma de conduta ou qualquer outro ensinamento”. É o que poderemos constatar em cada um dos Provérbios coletados.

De uma forma geral, os provérbios/expressões se originam de três fontes: Clássica (o erudito, o bíblico, o religioso); Literária e Popular. É importante assinalar que o provérbio de cunho religioso pode ser encontrado em diversas religiões. Para o nosso estudo, recortamos os provérbios ligados ao Cristianismo, com fundamentação na Bíblia, daí o título e embasamento do nosso trabalho.

Salienta-se que os provérbios são considerados populares por não ter autor determinado. Acontece com estes um fato muito comum na Língua que é o uso, ou seja, algumas formas de falar são incorporadas, geralmente, por uma comunidade que a divulga e a utiliza com frequência, passando a ser usada em outras comunidades e, assim se tornam

^I Professora de Língua Portuguesa na Universidade Federal do Tocantins.

^{II} Orientadora. Professora da Universidade Federal da Paraíba.

populares e ganham sentido entre as diversas comunidades. A divulgação dos Provérbios é tão importante na Língua que já existem dicionários dedicados a eles, como é o caso do *Adagiário Brasileiro*, de Autoria do Folclorista Cearense Leonardo Mota. No citado dicionário, o folclorista consegue coletar provérbios que são utilizados em diferentes regiões do Brasil, contando inclusive com variações de palavras e expressões de uma região para outra. Constituído-se, assim, essa variação como uma influência da sociedade e da cultura sobre a língua.

A contribuição, portanto, que pretendemos dar com o estudo em questão repousa, sobremaneira, na influência das manifestações socioculturais e na interação com a língua, dos provérbios em estudo.

Outro ponto que merece destaque para o nosso estudo é o uso da linguagem oral e escrita. Entendemos o quanto é importante a visão dos registros orais, visto que os provérbios/expressões populares são difundidos principalmente, através da oralidade, transmitidos de geração para geração, de região para região. Já a linguagem bíblica é priorizada, sobretudo, na escrita. Entretanto, para efeito da presente pesquisa, observamos que também a bíblia, como os demais documentos escritos, incube-se de preservar a memória dos povos antigos, suas tradições, pensamentos, ideologias, fazendo com que a humanidade as conheça séculos após séculos. No entanto, no caso da Bíblia, seus ensinamentos estão escritos, mas são repassados, em grande escala, através das exposições orais. Parece-nos que pela dificuldade de se entender a linguagem bíblica e pela necessidade de se entender a mensagem contida em tais textos, os fiéis, sobretudo católicos, buscam os ditos ou provérbios populares para passar o recado bíblico.

Nesse sentido, percebemos a necessidade de abordar, no presente trabalho, o significado dos provérbios e relaciona-los à linguagem bíblica. Com esse fim e para melhor organizar o trabalho, separamos os provérbios por Campos. É sobre tal assunto o próximo segmento do trabalho.

2. CAMPOS LÉXICO-SEMÂNTICOS E REALÕES SOCIOCULTURAIS DA LÍNGUA.

A noção de “Campos Lexicais” é conhecida desde a Antiguidade, quando já existiam curiosidades sobre a palavra em seus diversos aspectos, inclusive da sua significação, constituindo-se como uma preocupação dos filósofos gregos. Nesse sentido, salientam-se as observações de Aristóteles e Demócrito, no que diz respeito à palavra e seus significados.

Entretanto, o estudo dos Campos Lexicais ganhou novos impulsos nos últimos séculos, integrando pesquisa de diversos linguistas. Destacamos, entre esses, as contribuições dadas por Heyse, que publica em 1856 uma pesquisa sobre vocabulário alemão, analisando seu Campo Lexical. Ressaltamos também o impulso dado por Ipsen ao apresentar o termo Campo Semântico para nomear a idéia dos Campos, explicitando esse estudo. Tal teoria é ampliada pelo alemão Jost Trier, que utiliza estudos anteriores, inclusive a noção de Rede Associativa e Solidariedade do Mestre Saussure, para analisar os termos que indicavam “conhecimento” em alemão.

Muitos estudiosos deram sua contribuição à Teoria dos Campos. No entanto, as nomenclaturas para designá-los variam de acordo com a perspectiva teórica de cada estudioso. Podemos, então, dizer “Campos Associativos”, como prefere Charles Bally, “Campos Lexicais” para Trier e outros, “Campos Semânticos”, considerado por Ipsen, Jolles e Porzig, “Campos Associativos” como chama Matoré.

Para nossa análise, preferimos utilizar Campo Léxico-Semântico, visto que, como considera a pesquisadora M.^a da Neves Alcântara de Pontes (2002, p. 50), tanto nos referimos aos lexemas que reúnem semas comuns, como às relações extralingüísticas e os significados ligados ao contexto sociocultural em que é empregado o texto e a palavra. No caso dos Provérbios, consideramos, além dos fatores lingüísticos, a realidade, a experiência do usuário da língua, seu contexto para se trabalhar a significação. Portanto, o emprego de Campo Léxico- Semântico é mais devida, contando tanto noção de Campo Lexical como de Campo Semântico.

Retrocedendo ao início dos estudos lingüísticos, enquanto conhecimento da língua pela língua, percebemos a relevância das associações e da solidariedade entre as palavras, como já preconizava Saussure (2000, p. 134): “No interior de uma mesma língua, todas as palavras que exprimem idéias vizinhas se limitam reciprocamente.”

E continua o mestre genebrino acrescentando que “... as palavras que oferecem algo de comum se associam na memória e formam grupos dentro dos quais imperam relações muito diversas.” (2000, p. 143).

Esse pensamento do Mestre genebrino é ratificado pela lingüista M.^a Tereza de C. Biderman (1978, p.146), quando afirma que é possível agrupar ou associar as palavras, segundo as idéias por elas expressas, formando um “halo de significação”.

As associações, campos ou redes têm-se constituído como método eficaz para a aprendizagem e assimilação em muitas áreas do conhecimento e, por excelência, no estudo do vocabulário de uma língua. O fato de associar palavras ou frases serve de “ganchos” psicológicos para apreensão de qualquer critério, sobretudo, do significado, conforme o pensamento de Biderman (1978, p.141):

... É certo que a memória registra, de maneira ordenada o sistema lexical. De fato, a experiência quotidiana comprova a existência de processos mnemônicos, estruturalmente ordenados de tal forma que; quando nos queremos lembrar de um vocábulo, desencadeia-se o processo que nos fornece normalmente em séries, várias palavras que integram um mesmo subsistema léxico, ou então um determinado campo semântico.

Percebemos, assim, a importância dos campos para o estudo do vocabulário de uma língua. Essa idéia é corroborada por Pontes (2002, p.49) ao se reportar à Teoria dos Campos Semânticos como método para o estudo do vocabulário, acrescentando, ainda, que esta metodologia serve para a organização, explicação e descrição do léxico de uma língua.

A Teoria dos Campos Lexicais representa um avanço nos estudos lingüísticos e, sobretudo, para a Etimologia e a Semântica, visto que a palavra se constitui como elemento essencial às duas ciências.

O semanticista Ullmann (1964, p.523), ampliando o sentido de Campo Semântico, afirma que

Um campo semântico não reflete apenas as idéias, os valores e as perspectivas da sociedade contemporânea; cristaliza-as e perpetua-as também; transmite às gerações vindouras uma análise já elaborada da experiência através da qual será visto o mundo, até que a análise se torne tão palpavelmente inadequada que todo o campo tenha que se refeito.

O pensamento do Autor amplia a visão do isolamento das palavras, indicando a possibilidade que existe do Campo Semântico surgir e se renovar, através das mudanças ocorridas com a palavra numa escala de diacronia e sincronia.

Nos seus estudos, Saussure (2000, p.146) já afirmava que “...uma palavra qualquer pode sempre evocar tudo quanto seja suscetível de ser-lhe associado de uma maneira ou de outra”.

Esse pensamento de Saussure é ratificado por Ullmann (1964, p.498) quando declara que as palavras se encontram ligadas umas as outras através das associações, que podem ocorrer através dos sentidos, outras através da forma, outras, ao mesmo tempo, pela forma e sentido.

O Mestre genebrino continua, ainda, considerando que essas associações podem ocorrer tanto na esfera dos constituintes comuns, como no significado, ao qual ele chama de “tesouro interior”.

Numa visão mais moderna sobre Campo, afirma Vilela (1980, p.114): “A idéia de campo pressupõe o sentimento lingüístico do falante, o que possibilita a comparação de uma palavra com outras, na escolha da palavra correta e na descoberta da dependência das palavras entre si.”

É a relação de sentido entre as palavras que forma o Campo Léxico-Semântico, ou seja, a relação de parentesco entre as palavras quer na sua relação com a realidade sociocultural, quer na relação de significação. Tal relação leva o falante a escolher no momento do uso o lexema que melhor se adequa àquilo que ele vai dizer ou escrever. Com os provérbios populares ocorre algo semelhante, o que nos permite agrupar os provérbios, segundo a aproximação de sentido que possuem.

O termo Campo Semântico foi usado pela primeira vez por G. Ipsen para designar as esferas conceituais. Mais tarde Trier vê os Campos Semânticos como partes estritamente ligadas ao vocabulário. Acredita-se que esta teoria encontra seu fundamento nos estudos realizados por Humboldt. Porém, atribui-se a Trier os principais trabalhos nesse sentido.

Em outras palavras, compreendem os Campos Semânticos o elo de ligação por meio dos pontos de divergência no sentido ou significado dos termos, havendo distinção na análise de uma língua para a outra, de um período de tempo para outro. A rede dos termos parentescos serve de exemplo.

Ainda para Ullmann (1964, p.522-3), o estudo dos Campos Associativos representou um passo para os Campos Semânticos, pois enquanto o primeiro restringia-se às palavras isoladas, o segundo considerava a estrutura do Campo Semântico como um todo. Devido a essa integração, o estudo do Campo Semântico tem importância para a análise a que se propõe o presente trabalho.

Através desse embasamento teórico, poderemos demonstrar a influência da linguagem bíblica no dito popular, visto termos como observar a evolução das palavras ou vocábulos, no tempo e no espaço em que são usados, bem como as possibilidades de associações entre palavras e expressões que possuem elementos comuns dentro do próprio provérbio ou na sua relação com outros de semelhante sentido.

O delineamento dos Campos Semânticos ocorre segundo as características comuns entre semas comuns ou divergentes, entre as palavras. Por sua vez, as palavras, dentro do Campo, se distinguem pelas oposições existentes entre si. Por isso, há unanimidade entre os lingüistas ao admitirem a idéia de que a palavra não existe isoladamente, pois cada palavra tem o seu significado, dependendo do contexto em que se insere. A sua pertinência a um Campo Lexical ou outro depende do contexto em que é utilizada. Dentro da dinamicidade

da língua, é possível percebermos mudanças de sentido provocada pelo uso, inclusive muito comum no processo de transformação da conotação para a denotação.

Nesse sentido, a professora Aparecida Barbosa (1981, p.36) diz que

...um signo, dotado de certo valor denotativo em língua, pode ser atualizado, num universo de discurso, com um valor conotativo. Se esse uso repetir-se com frequência, tornar-se-á denotativo naquele universo, integrando-se, então, à norma de discurso.

Há, portanto, possibilidades de mudanças de Campo, como veremos durante a análise dos provérbios e expressões populares, dependendo da circunstância em que é utilizado o provérbio ou a palavra. Tal mudança pode ocorrer exatamente pela presença de um novo sentido dado a essas lexias (palavras ou provérbios), num sentido, por vezes, denotativo, por outro conotativo.

Estudos modernos e tão importantes quanto os realizados por Trier têm sido os do Francês Matoré, que enaltece a idéia de Campo, acrescentando as vertentes sociais. Tal estudo é citado por Ullmann (1964, p.526), que assim explicita seu pensamento: “Propomos a considerar as palavras, não já como objeto isolado, mas como um elemento no interior dos conjuntos mais importantes, que classificamos hierarquicamente, partindo de uma análise das estruturas sociais.”

Matoré tenta explicar a sociedade pelo vocabulário. Tal fato é considerado um exagero por muitos lingüistas e consideram como úteis apenas os conceitos de palavras-chave e palavras-testemunha. A primeira é concebida como aquela que centraliza uma esfera conceptual e a segunda como *uma unidade lexicológica que exprime uma sociedade* (Ullmann, 1964, p.527). Percebemos, portanto, a importância de Matoré para o estudo dos Campos Semânticos.

É indubitável a relevância dos estudos de Trier para a Semântica, sobretudo, no que concerne aos Campos, pois além de retomar as Redes Associativas e os princípios de Solidariedade, parece tomar como base a doutrina de Humboldt, que considera a língua como um todo orgânico, e, ao mesmo tempo, distinto, exprimindo a particularidade do povo que a utiliza.

Tal fato implica na relação da Língua com a cultura e a sociedade, o que leva a uma contextualização do fato lingüístico com o extralingüístico.

Pelo exposto, deduzimos que há uma relação entre contexto e Campo Semântico. Nessa perspectiva, um provérbio ou expressão popular pode ser enquadrado em mais de um Campo Léxico-Semântico, visto que a determinação de sua pertinência a um Campo depende do contexto em que ele foi empregado. A relevância dessa teoria para o nosso estudo encontra-se nesse ponto, em que as associações das expressões populares podem ser colocadas dentro de um Campo Lexical, implicando no contexto sociocultural do falante.

Ao utilizarmos Campo Léxico-Semântico, consideramos que o estudo da significação dos provérbios encontra seu embasamento nos contextos socioculturais, bem como na linguagem bíblica, que, também, serve de suporte para a formação cultural do povo que a utiliza. O fato de encontrarmos o sentido dos ditos populares nos ensinamentos bíblicos constitui fundamentos para observarmos que o Campo Léxico-Semântico estabelece uma relação entre o significado e os componentes extralingüísticos. Em outras palavras, vemos que o estudo dos Campos constitui uma amostragem da sociedade que utiliza e forma o léxico, havendo, assim, uma relação entre língua-cultura-sociedade. Há, então, a essa altura,

um entrelaçamento entre a Teoria dos Campos Léxico-Semânticos e a Hipótese Sapir/Whorf.

Para melhor compreensão, na próxima etapa do trabalho, apresentaremos alguns provérbios separados por Campos léxico-semânticos.

3. PROVÉRBIOS POR CAMPOS LÉXICO SEMÂNTICOS.

Os provérbios foram selecionados segundo o Campo Léxico-Semântico a que pertencem, estando sua significação sujeita ao contexto em que foi coletado. A relevância do estudo encontra seu ápice no fato de serem os provérbios forma de falar que demonstra a heterogeneidade da língua. Esse fato é contemplado nos dias atuais para efeito de ensino de Língua, como demonstram os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998,28), quando afirma que

A atividade mais importante, pois, é a de criar situações em que os alunos possam operar sobre a própria linguagem, construindo pouco a pouco, no curso dos vários anos de escolaridade, paradigmas próprios da fala de sua comunidade, colocando atenção sobre similaridades, regularidades e diferenças de formas e de usos lingüísticos, levantando hipóteses sobre as condições contextuais e estruturais que se dão. É, a partir do que os alunos conseguem intuir nesse trabalho epilingüístico, tanto sobre os textos que produzem como sobre os textos que escutam ou lêem, que poderão falar e discutir sobre a linguagem, registrando e organizando essas intuições: uma atividade metalingüística, que envolve a descrição dos aspectos observados por meio da categorização e tratamento sistemático dos diferentes conhecimentos construídos.

Em outras palavras, é através da vivência de situações em que se vê a língua, enquanto objeto de utilização de uma comunidade que o aluno (usuário da língua) torna-se mais habilitado a entendê-la. As expressões e provérbios populares abrem tal possibilidade no Ensino de Língua. No entanto, para nós, interessa sua contextualização dentro dos diferentes discursos. Por isso, é que achamos relevante separá-los por campos léxico-semânticos. Apesar da diversidade de terminologias para indicar os Campos. Entendemos que o mais apropriado para nossa análise a utilização de Campo Léxico-Semântico, como já colocamos anteriormente.

No caso dos Provérbios, consideramos, além dos fatores lingüísticos, a realidade, a experiência do usuário da língua, seu contexto para se trabalhar a significação. Portanto, o emprego de campo léxico- semântico é mais devido, contemplando tanto a noção de campo lexical como de campo semântico.

Em nossa pesquisa, os provérbios populares estão agrupados em 113 campos léxico-semânticos que já visualizam um pouco o sentido dos provérbios, alguns aparecem em mais de um campo, isso porque o sentido pode ser alterado, dependendo do contexto em que foi usado o provérbio. Ao ouvirmos ou verbalizarmos as construções catalogadas é comum sentirmos que são acionadas relações com outras palavras ou expressões.

Destarte, o uso de um determinado provérbio, desencadeia o pensamento ou a lembrança de um outro número de provérbios ou expressões populares. Advém de tal fato a distribuição dos provérbios em campos léxico-semânticos. Apresentaremos a seguir um demonstrativo parcial da nossa pesquisa, no que tange aos referidos campos.

I- Aceitação

- 1- Quem cala consente. (permissão/consentimento)^{1III}
- 2- Quem entra na chuva é pra se molhar. (conseqüência)²
- 3- Ajoelhou tem que rezar. (conformidade)³

II- Acomodação

- 4- Quem cala consente. (permissão/consentimento)¹
- 5- Quem espera por sapato de defunto anda descalço a vida inteira.
- 6- Quem quer faz, quem não quer manda. (vontade/trabalho)⁴
- 7- Árvore velha não se muda.
- 8- Em time que está ganhando, não se mexe. (sucesso)⁵
- 9- Vencer sem esforço é triunfar sem glória.(injustiça)⁶

III- Doação

- 183- Quem dá aos pobres empresta a Deus.
- 184- Uma mão lava a outra.(solidariedade/unidade)⁸⁷

IV- Escolha.

- 204-Quem muito escolhe com o pior fica/se pega.
- 205-Não se pode servir a dois senhores.
- 206-Não se pode chupar cana e assobiar ao mesmo tempo.
- 207-Não podemos estar em dois lugares ao mesmo tempo.
- 208-Questão de gosto não se discute.
- 209-Acender uma vela a Deus e outra ao Diabo.
- 210-Entre a cruz e a caldeirinha/espada.
- 211- Conselho é como café, toma quem quer.(aconselhamento)⁸

V- Incoerência

- 287-Não dê pérolas aos porcos.(limitação)⁶⁸
- 288-Faça o que digo/mando, mas não faça o que faço.(exemplo)⁶⁰
- 289-Quem muito fala, pouco faz. (comunicação/ presunção)³⁷
- 290-Casa de ferreiro, espeto de pau.(injustiça)⁶⁹

Através de nossas pesquisas, foi possível perceber, também, a freqüência de uso desses ditos populares e em algumas regiões específicas, como é natural a mudança de alguns vocábulos pertinentes ao provérbio. É o que podemos perceber por meio do provérbio, e constatamos a influência que a Língua sofre do meio e da cultura. Tratando desse aspecto, o poeta e escritor Ferreira Gullar, citado pelo professor Antônio Augusto Arantes (1995, p. 54), infere que

... cultura popular (...) é a consciência de que cultura tanto pode ser objeto de conservação, como de transformação social (...) cultura popular é, portanto, antes de mais nada consciência revolucionária (...) um tipo de ação sobre a realidade social.

^{III} Esta numeração corresponde ao número do(s) outro(s) campo(s) em que aparece o provérbio repetido.

Nesse aspecto, o uso dos provérbios ajuda a conservar a língua ou a transformá-la, como ocorre no uso destes em substituição a passagens ou mensagens bíblicas.

Há, assim, uma relação forte entre o que se diz e a cultura em que se está inserido. Portanto, na perspectiva de Língua e cultura, o antropólogo e lingüista Edward Sapir (1971, p.216) afirma que “(...) o vocabulário de uma língua mais ou menos reflete a cultura a que ela tem por propósito de servir (...) a história da língua e a história da cultura seguem linhas paralelas.”

Desta forma, é possível perceber que o estudo da língua, no que se refere ao significado, encontra na cultura relevante importância, visto que os fatores socioculturais aceleram o uso e a cristalização de termos com novos sentidos. Tal fenômeno pode ser observado através do estudo dos provérbios populares, que se tornam de uso comum na explicitação do pensamento de uma comunidade.

Há, portanto, expressões lingüísticas que se tornam consagradas, passando a constituir sintagmas lexicalizados da língua, popularmente conhecidos como provérbios. Daí expressões, como *Dize-me com quem andas, que eu te direi quem tu és, Mais vale um pássaro na mão que dois voando*, porém estas não se encontram no dicionário, tornando-se até de difícil compreensão para outras línguas. Isso ocorre porque as palavras fazem sentido dentro da frase.

Portanto, como vimos os provérbios populares coletados foram selecionados e organizados, utilizando-se do suporte teórico da Lexicologia e Ciências afins, notadamente da Teoria dos Campos Léxico-Semânticos. A coleta ocorreu através da freqüente escuta de tais provérbios proferidos por fiéis, engajados na comunidade católica. Acreditamos que o uso desses provérbios revela a vertente histórico-sócio-cultural e ideológica de quem o profere, possibilitando que o trabalho tenha um cunho lingüístico e extralingüístico. Pelas análises de alguns provérbios, percebemos a recorrência que as pessoas ligadas à Igreja Católica faz para passar a mensagem bíblica. É o que percebemos na análise ilustrativa, a seguir:

"Mortalha não tem bolso"

É possível enquadrar o provérbio em dois Campos Léxico-Semânticos: ambição e mesquinhez. No primeiro Campo, contamos com seis provérbios; no segundo, temos apenas dois provérbios.

A lição cujo provérbio encerra é a de que não adianta viver uma vida de mesquinhez, deixando de aproveitar os bons momentos por causa de dinheiro ou, então, valorizar mais os bens materiais que a pessoa humana.

No sentido real, sabemos que mortalha é a roupa usada pelos mortos, é a última roupa que alguém usa, na nossa cultura. As roupas que usamos, em vida, podem ter bolso, "pequeno saco cosido à roupa, que serve para guardar objetos pessoais ou dinheiro." (Cunha:1997, p.117). Hoje já é usado com nova conotação, o 'bolso' passou a metaforizar 'dinheiro'. Em outras palavras, 'bolso' e 'dinheiro' passaram a fazer parte do mesmo Campo, existindo entre eles um lexema comum: finanças. Além disso, o dinheiro e os bens materiais só têm utilidade enquanto estamos vivos. Não há necessidade de bolso na mortalha, pois com a morte tudo isso perde o valor. Logo, dizer que mortalha não tem bolso nos conduz a refletir sobre a efemeridade da vida e o pouco valor que têm as ambições e o egoísmo.

O provérbio foi coletado no seguinte contexto: Em uma reunião para se organizar os festejos alusivos à Padroeira, alguém sugeria que fosse comprada uma espécie de flor mais cara, para enfeitar a imagem. O grupo refletia sobre isso. De repente, viu-se que se poderia

comprar aquele tipo de flor sem causar grandes danos. Uma das pessoas afirmou: ‘‘É, vamos fazer isso! Afinal mortalha não tem bolso. No próximo ano nem sabemos se estamos aqui.’’

Em muitos trechos bíblicos, podemos encontrar conselhos que têm a mesma significação dessa sabedoria popular. Destacamos, no entanto, o livro do Eclesiástico 14, 2-16, quando diz: *“Lembre-se: a morte não tarda, e você não sabe a que horas ela vai chegar. Antes de morrer, faça o bem ao amigo e reparta com ele conforme o que você possui. Não se prive de um dia feliz, nem deixe escapar um desejo legítimo (...) Dê e receba, e divirta-se, porque no mundo dos mortos não existe alegria.”*

Tanto o trecho bíblico como o provérbio tem uma significação. Confirmamos o pensamento do Professor Arantes, quando diz que significação e valores são da essência da organização cultural. (1990, p.24)

Entre tantos outros provérbios coletados percebemos essa ligação dos mesmos aos ensinamentos bíblicos, logo ao atrelamento da língua à cultura e aos fatores geo-sócio-históricos a que cada sujeito está ligado.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pelo presente trabalho, pudemos constatar que os provérbios podem ser agrupados em Campos Léxico-Semânticos devido à pertinência de diversos ditos populares a uma mesma temática, podendo um mesmo provérbio aparecer em mais de um Campo.

A separação dos provérbios em Campos já permite um vislumbramento para sua significação, ao mesmo tempo em que já o distingue dos demais. A pertinência de um provérbio a mais de um Campo Léxico-semântico confirma a riqueza de significados que estes podem guardar.

Na análise do trabalho, vemos a relevância do contexto para a explicitação do sentido que carrega cada uma dessas lexias complexas. O vocábulo ‘‘lexia complexa’’ é usado por Bernard Pottier, quando se refere aos provérbios

É relevante a presença de tais lexias para o trabalho de evangelização que os católicos fazem por meio desse jeito particular de se expressarem. Constatamos, assim, a relação de significação existente entre os provérbios e a linguagem bíblica, e, até mesmo a pertinência de determinados provérbios ao conteúdo bíblico, havendo, apenas, entre o bíblico e o popular uma adequação ao tempo e ao uso, sobretudo, na região Nordeste, onde a fé do povo parece mais aguçada.

Por meio da linguagem, o modo de expressar traz traços da cultura, que, por exemplo, o Evangélico jamais utilizaria o provérbio popular com a finalidade de evangelizar ou passar a mensagem bíblica, visto que sua cultura religiosa exige que se repita o que está escrito na Bíblia do jeito que se encontra, mencionando, inclusive, capítulo e versículo.

Foi possível perceber, também, que há palavras ou unidades lexicais que ganham dentro do provérbio novo sentido. Há, ainda, outras que praticamente resumem toda significação da frase.

Algumas lexias utilizadas nos provérbios têm muito a ver com a realidade ou contexto do falante, como podemos verificar na análise do provérbio ‘‘conselho é como café, toma quem quer’’, que em certas regiões do país pode ser usado com a substituição de café por ‘‘rapé’’.

Sem jamais pretendermos esgotar o assunto, vemos que trata-se de um trabalho de fôlego e que nos estimula a conhecer melhor a cultura dos provérbios e sua importância na vida oral da língua.

Esperamos que este trabalho possa auxiliar o desenvolvimento de pesquisas sobre os provérbios, os escritos bíblicos, bem como no que concerne à Ciência do léxico e aos estudos da lingüística.

REFERÊNCIAS

- ARANTES, Antônio Augusto. **O que é cultura popular?** 14 ed. São Paulo; Brasiliense, 1995.
- BARBOSA, M.^a Aparecida. **Léxico, produção e criatividade:** processos do neologismo. São Paulo: Global, 1981.
- _____. **Língua e discurso:** contribuição aos estudos semânticos-sintáticos. 2.ed. rev. São Paulo: Global, 1981.
- BENVENIST, E. **Problemas de lingüística geral.** São Paulo: Nacional, 1976.
- Bíblia Sagrada, Edição Pastoral, 38.^a Impressão. São Paulo: Paulus, 1990.
- Bíblia Sagrada. Edição Claretiana. 45. ed. São Paulo: Ave Maria, 1984.
- BIDERMAN, M.^a Tereza Camargo. **Teoria lingüística:** lingüística quantitativa e computacional. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.
- CHAUÍ, Marilena de Souza. **Cultura e democracia:** o discurso competente e outras falas. 14 ed. São Paulo: Cortez, 1997.
- CUNHA, Antônio Geraldo. **Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa.** 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997
- DACANAL, José Hildebrando. **Linguagem, poder e ensino da língua.** 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987
- DEMO, Pedro. **Política social da cultura.** Brasília: MEC, 1980.
- Dicionário Bíblico. São Paulo: Didática Paulista, 2002.
- DUBOIS, Jean (org.). **Dicionário de lingüística.** 7 ed. São Paulo: Cultrix, 1999.
- GARCIA, Othon Moacir. **Comunicação em prosa moderna:** aprenda a escrever, aprendendo a pensar. 15. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1992.
- GONÇALVES, Ângela Jungmann. **Lexicologia e ensino do léxico.** Brasília: Thesaurus, 1975.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina Andrade. **Metodologia do Trabalho Científico.** 3. ed. São Paulo: Atlas, 1992.
- LARAIA, Roque de Barros. **Cultura:** um conceito antropológico. 14. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- MOTA, Leonardo. **Adagiário brasileiro.** São Paulo: Editora da USP, 1987
- OLSON, David R. e TORRANCE, Nancy *et alii.* (trad. Valter Siqueira). **Cultura escrita e oralidade.** São Paulo: Ática, 1995.
- ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional.** 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

SAPIR, Edward. **A linguagem**: uma introdução ao estudo da fala. São Paulo: Perspectiva, 1980.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de lingüística geral**. 22. ed. São Paulo: Cultrix, 2000.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. Parâmetros curriculares nacionais; terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa. Brasília: MEC, 1998.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 21. ed. Ver. ampl. São Paulo: Cortez, 2000.

SOUZA, José Rodrigues de. **Provérbios & máximas**: coletânea de provérbios, máximas, sentenças e aforismos em 7 idiomas. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

STEINBERG, Martha. **1001 Provérbios em contraste**: provérbios ingleses e brasileiros.

ULLMANN, Stephen. **Semântica**: uma introdução à ciência de significado. 4. ed. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1964.

URBANO, Hudinilson. **Oralidade na literatura**: o caso Rubens Fonseca. São Paulo: Cortez, 2000.

_____. Uso e abuso de provérbios. In: **Interação na fala e na escrita**. Org. Dino Preti. São Paulo: Humanitas/ FFLCH/USP, 2002.

WEITZEL, Antônio Henrique. **Folclore literário e lingüístico**. 2. ed. Juiz de Fora: EDUFJF, 1995.

VANOYE, Francis. **Usos da linguagem**: problemas técnicos na produção oral e escrita. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1985.

VILELA, Mário. **O léxico da simpatia**. Porto: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1980.

_____. **Estudos de Lexicologia do português**. Coimbra: Almedina, 1994.

